

## **FORMAÇÃO DA FAMÍLIA ESCRAVA NA RIBEIRA DO VALE DO ACARAÚ - CE (1725 - 1750)**

Francisco José Balduino da Silva<sup>1</sup>

Prof.Ms.: Paulo Henrique de Souza Martins<sup>2</sup>

### **Resumo**

A presente pesquisa visa adentrar nas relações familiares dos cativos e forros presentes na Ribeira do Acaraú no início do século XVIII, usando como base de informações o acervo documental da Cúria Diocesana de Sobral, dando-se ênfase aos livros de batismo e casamento.

Identificada a presença de cativos e forros passamos a uma análise quantitativa e qualitativa dos dados capaz de apresentar as singularidades e padrões de formação da família cativa indo além da caracterização mononuclear e estendendo-se através do compadrio.

Observamos os cativos agindo em espaços geográficos diferenciados e relacionando-se com diferentes etnias na formação de um espaço interétnico dentro de um sistema escravista, rompendo uma visão tradicional maniqueísta caracterizadora dos cativos como seres incapazes de governarem suas próprias vidas dentro do sistema escravista.

A família escrava apresenta-se então como uma formação cativa de espaço de sociabilidade criada e recriada pelos escravos e ex-escravos.

**Palavras-chave:** escravidão; vale do acaraú; século XVIII

### **Introdução**

O cativo ao ser desembarcado no Brasil adentra em um mundo totalmente estranho, com novos costumes ao quais ele inicialmente é alheio, arrancado de sua terra, suas raízes passam por um processo de destruição emplacada pelo governo oficial que busca fazer o cativo abandonar seu passado para melhor render como bem de capital no novo mundo, porém bem sabemos que a memória não pode ser apagada pelo desejo dos senhores, lembranças e tradições permanecem na mente do cativo.

A sobrevivência em uma nova realidade torna-se uma necessidade e a adaptação a novos hábitos podem auxiliar o escravo em sua dura jornada, que em seu caso se configura como a própria vida.

Visando minimizar as dores dos escravos o Arcebispado da Bahia em suas Constituições Primeiras determinava que os cativos a serem embarcados para o Brasil deveriam ser batizados ainda na África e para garantir que os mesmo teriam direito ao reino dos céus na morte o batismo

deveria ser confirmado assim de sua chegada aos portos brasileiros, esse tipo de ação visava minimizar o sofrimento da vida escrava.

[os] Escravos que vieram da Angola aquela diviza os mandem instruir por pessoas idôneas e depois de instruidas os bautize antes de serem transportados pelos Senhores para Serviço dos seus Engenhos ou lavouras por serem comparável beneficio do conhecimento do verdadeiro Deos e da Religião Christã a de que estavam privados e que recebem logo à entrada do seu cativoiro a única consolação que no reto dos seus dias poderá juntamente suavizar o seu penoso Estado e por que venha a noticia a todos e se não possa alegar inorancia. (FROTA, 1995, pp. 534-535)

Somos conhecedores que o batismo por si só não iria trazer o alívio a difícil existência do cativoiro, porem o sacramento cristão foi readaptado pelos escravos na formação de novas sociabilidades no compadrio capazes de expandirem a família cativa

Aos doze dias do mês de Janer<sup>o</sup> de mil sette centos e trinta e três annos na Capella de N. Sr<sup>a</sup> do Livrameto. Sitio do Para Batizou o R.do P.e Diogo de Paiva Parocho com Santo óleos e por Licença minha a Phelippe filho legitimo de M.el Preto e de Baiana escravos do Cap. am D.os Machado Freire Foram Padrinhos Joaó preto, e sua m.er huma escravos dos dt.os moradores nesta freguezia ... (Arquivo da Cúria Diocesana de Sobral, 1725 – 1750: fl 28)

Os cativos puderam a partir do ritual cristão que lhes foi imposto estabelecer laços familiares para além do ambiente mononuclear tradicional do pensamento católico português.

A transcrição acima nos traz também a legitimação do casamento entre escravos pela Igreja católica, pois no período colonial os termos filho natural delimita a não união entre os pais da criança, enquanto o temo filho legitimo significa que os pais são casados dentro do sacramento católico.

Nas notas de casamentos vemos como os negros vindos da África se adaptaram e readaptaram os sacramentos formando famílias com as bênçãos da Igreja oficial

... se cazaraó em face de Igreja solenemente por palavras Ignacio Lopes da Silva preto crioulo filho legitimo de Antonio de Souza, e de sua mulher Antonia Maria naturaes do gentio de Guine, com Ana Barboza filha legitima de Manuel de Freitas do gentio de Guine, e sua mulher Antonia Barboza desta Freguezia e logo lhe dei as bençoens na forma dos Ritos cerimoniais da Santa Madre Igreja ... (Arquivo da Cúria Diocesana de Sobral, 1782 – 1797: fl 05)

Vale observar na nota que de ambos os noivos são filhos de pais legítimos de origens africanas, excetuando somente a mãe da noiva, portanto os pais ao serem retirados de suas antigas culturas se inseriram no ambiente cultural brasileiro e passaram para suas proles o costume católico

da formação familiar, por sinal em vários casos o casamento foi utilizado como estratégia para evitar que os senhores pudessem dissolver uma união entre cativos.

Documentos como os apresentados abundam nos Arquivos da Diocese de Sobral, quando tratamos do termo família em nossa pesquisa não nos limitamos a família mononuclear compreendida por pai mãe e filhos, mas também a família expansiva a qual pode se originar dos laços de compadrio desenvolvidos no batismo e responsáveis por ligar o afilhado aos padrinhos.

### **Materiais e Métodos**

O trabalho a ser realizado se configura como uma pesquisa documental na Cúria Diocesana de Sobral com o intuito de compreender a formação da família escrava na Ribeira do Acaraú do século XVIII inserindo-se na perspectiva da História Social buscando as tramas sociais nas quais os cativos formavam suas vivências.

A compreensão da formação familiar cativa apresenta um despertar da historiografia escrava no Brasil por romper o paradigma dominante responsável por minimizar a presença desta instituição ou lançar um olhar discriminador sobre as relações amorosas entre a negritude ao afirmar que estes sujeitos tinham suas ligações marcadas pela promiscuidade e devassidão.

Debater a família escrava vai além do entendimento de como ela é formada em seus agentes, sua interpretação extrapola o ambiente meramente familiar e entrelaça-se diretamente com comportamentos de conflitos e negociações dentro de uma sociedade escravista.

O sagrado matrimônio pregado pela Igreja como sacramento regulador e responsável por abençoar uma vida a dois pode nos trazer a tona um espaço de abertura para novas vivências e até mesmo a reconstrução de uma família rompida pelo estigma da escravidão.

No batizado a criança recebe juntamente com os santos óleos seus padrinhos que dentro do contexto católico são os responsáveis pela instrução da vida em cristo e dos cuidados com o afilhado na falta dos pais, desta forma o batismo cria um laço entre padrinhos, compadres e afilhados que serão levados ao longo da vida.

No desenrolar da formação da família escrava busca-se a compreensão das estratégias de sobrevivência mais amena de um grupo visto como seres sem alma e inferiores por uma elite branca.

Levantamos nossas considerações apoiados por uma série de dados eclesiásticos contidos no Livro número um de batismo (1725-1750), o qual também apresenta notas de casamento, guardado nos arquivos da Cúria Diocesana de Sobral

Formamos uma base de informações capazes de identificar os senhores e seus escravos sendo batizados e efetuando casamentos, o que nos forneceu uma série de dados quantitativos

relevantes para levantarmos nossas considerações, além de uma leitura delicada das informações capazes de apresentar singularidades propicia a reflexões a partir do método qualitativo de leitura das fontes.

### **Resultados e Discussão**

O estudo sobre escravidão no Brasil vem ganhando grande fôlego desde a década de 70 do século XX quando a historiografia marxista inglesa com seu enfoque social passou a observar o cativo como um ser atuante na sociedade e não mais como um simples objeto de compra e venda no contexto do mercantilismo, esta nova abordagem se propagou pelas academias na França e chegou ao Brasil elevando dessa forma o debate sobre o cativo negro.

A primeira tentativa brasileira de inserir o negro na história do Brasil como ser atuante partiu da sociologia com Gilberto Freire, porém devido a teoria da “democracia racial” proposta pelo pensador pernambucano o cativo passou a ser visto como um ser que teria se adaptado ao meio devido as nuances de cunho sexual ou patriarcal, o que tornou minimalista a análise sobre a escravidão.

Já na década de 90 do século passado Reis e Silva fazem uma análise das relações explícitas e implícitas do relacionamento do cativo com seus senhores, nos apresentando um calidoscópio de atuações entre negros e brancos.

Nessa perspectiva vinda da Nova História de dar vez e voz aos vencidos da história nosso trabalho se apresenta com o intuito de analisar a formação da família cativa na Ribeira do Acaraú no século XVIII. Nos reportamos ao Brasil colonial no intenção de buscar no passado mais longínquo, que os documentos disponíveis possam nos propiciar, a formação das solidariedade cativas que culminam com uma reorganização da antiga família expansiva vivenciada na África para a família mononuclear do catolicismo português.

O Brasil colonial desperta nosso interesse para a pesquisa vindoura devido a sua distancia cronológica da atualidade, o que nos propicia um olhar mais historiográfico sobre os fatos em análise, além do desafio do trabalho com as fontes, tanto em encontrá-las como também devido ao manuseio, o que nos traz um verdadeiro prazer quando nos debruçamos sobre elas e podemos fazer nossas interpretações seguindo a máxima de João José Reis quando o mesmo afirma que “o historiador, contudo esta condenado a trabalhar com as fontes que encontra, não com as que deseja. Este é aliás, sua sina, ciência e arte” (REIS; SILVA, 1999, p. 14). Apesar deste prazer do contato com as fontes, não podemos cair na infantilidade de achar que as mesmas cairão em nossas mãos, já

é de nosso conhecimento os arquivos que as guardam e temos em mãos a transcrição de cinco livros de Batizados e Óbitos da diocese de Sobral que datam do ano de 1725 a 1789.

O século XVIII vem ser um período crucial para nossas análises devido o fato de se concentrar nele o auge do tráfico negreiro para o Brasil no que se configura como o Ciclo de Angola e o fortalecimento do tráfico interprovincial devido aos efeitos da expulsão dos holandeses em 1640 e a descoberta do ouro na região das minas em 1693.

Durante anos a fio a historiografia Cearense tratou o cativo em suas terras como algo ameno, porém as escritas dos professores Eurípedes Antônio Funes da Universidade Federal do Ceará e Raimundo Nonato Rodrigues de Sousa da Universidade Estadual Vale do Acaraú assim como o relato de Dom José Tupinambá da Frota da música entoada ao final das festividades do Rei do Congo organizada pela Irmandade dos Homens Pretos de Sobral nós mostram o contrário

Adeus, adeus!  
Adeus, adeus!  
Adeus até p'ro ano  
Si nós vivo fôr.  
(FROTA, 1995, p.531)

Podemos perceber o ar de aflição da pequena canção, nos mostrando as incertezas da escravidão, e o que a torna mais interessante e que mesmo assim passou despercebida a Dom José, pois o mesmo afirma que os escravos do Ceará não teriam sofrido os horrores da escravidão ocorrida no sul do país.

É nesse contexto de novas descobertas e de visões tradicionais em que nosso trabalho pretende se encaixar ao problematizar sobre as tensões sociais da escravidão e a formação da família escrava.

A própria formação da família cativa é capaz de nos proporcionar uma interpretação das vivências sociais dos escravos na Ribeira do Acaraú nos levando a refletir sobre os papéis desempenhados pelos cativos no espaço urbano e agrário do período colonial.

### **Considerações Finais**

A análise de dados seriais é capaz de descortinar o cotidiano social vivenciado pelos cativos, nos propiciando um entendimento sobre as práticas sociais desenvolvidas por um grupo discriminado.

Este tipo de análise é responsável por nos apresentar uma reorganização do contexto escravista antes baseado em uma visão maniqueísta de sociedade a qual apresentava o cativo como mero objeto.

Ao afirmar que os sujeitos tidos como desclassificados pela sociedade sobrevivem e lutam no campo das vivências cotidianas nos lançamos sobre este aspecto histórico para entendermos as estratégias criadas a partir do catolicismo oficial capazes de propiciar aos escravos uma existência mais amena dentro do possível.

### **Fonte**

Livro de Batismo de Sobral nº 01. 1725 – 1750. Fonte: Cúria Diocesana de Sobral.

### **Referências**

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. 34ª Ed. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

FROTA, D. José Tupinambá da. História de Sobral. 3ª Ed. Fortaleza, Imprensa Oficial do Estado do Ceará. 1995.

FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. IN: SOUZA, Simone de. Uma nova história do Ceará. Simone de Sousa (Org.). Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2000.

REIS João José; SILVA, Eduardo. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista. 1ª reimpressão São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. Rosário dos Pretos de Sobral – CE: Irmandade e festa (1854 – 1884). Fortaleza: Edições NUDOC, 2006.

<sup>1</sup> Discente do Curso de Pós-graduação em Ensino de História do Ceará. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. E-mail; professorbalduino@hotmail.com

<sup>2</sup> Orientador. Prof. Ms. Curso de Licenciatura Plena em História. Universidade Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. E- Mail: paulinho\_henriquesm@yahoo.com.br